



Câmara Municipal de Lisboa
Presidente

Senhor Presidente da República,

Senhor Presidente da Assembleia da República,

Senhor Primeiro-Ministro,

Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores,

Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa,

Senhor Presidente Eleito da Câmara Municipal de Lisboa,

Minhas Senhora e Meus Senhores,



Câmara Municipal de Lisboa
Presidente

Há 111 anos, na varanda desta Câmara Municipal de Lisboa, foi proclamada a República e hasteada a bandeira que nos une e simboliza enquanto comunidade nacional – a bandeira verde e vermelha da República Portuguesa.

Ao hasteá-la solenemente aqui, de novo, em cada 5 de Outubro, reiteramos a nossa fidelidade aos valores republicanos e democráticos, que nos cumpre renovar, atualizar, fortalecer e transmitir às gerações do futuro.

A implantação da República foi um momento fundador do século XX português, consagrando o primado da igualdade na cidadania como fundamento de organização do poder político e reconhecendo a soberania popular como a fonte legítima de governo.

Mas, antes de mais, a República foi e é “uma ideia, um facto de consciência, uma afirmação moral”. Quem o disse, e cito-o de novo, foi Raul Proença, um dos fundadores da Seara Nova, cujo primeiro número foi publicado em Outubro de 1921, há exatamente cem anos, e que se propunha, pela doutrinação democrática, pela pedagogia cívica e pelo exercício do espírito crítico, afirmar ideias, combater erros e pensar Portugal como futuro.



Câmara Municipal de Lisboa

Presidente

Se as vozes lúcidas e exigentes dos intelectuais - os melhores daquele tempo - que constituíam o grupo da Seara Nova tivessem sido ouvidas e as suas propostas regeneradoras e reformadoras atendidas, provavelmente haveria sido outro o destino da República, poupando Portugal a uma ditadura das mais longas da História.

É por isso que, celebrando a liberdade, a igualdade, o progresso, a justiça e a dignidade nacional que a República representa, não estamos apenas a evocar um tempo passado e a sua história. Dessa história, aprendemos a lição de que precisamos para combater tudo o que contribui para a erosão da democracia e para a quebra de confiança dos cidadãos nas instituições.

Temos, pois, de ser exemplares na observância da ética republicana, impondo que a política esteja ao serviço da “res publica” e dos cidadãos que a formam. Esta ética de serviço obriga a um empenho quotidiano na consolidação dos ideais democráticos, inseparáveis do desenvolvimento económico, da justiça social, do progresso cultural e da participação cívica.

Se estas preocupações são válidas para todos os tempos, são-no especialmente para o nosso, um tempo complexo e contraditório da história. Valores civilizacionais que nos habituámos a dar como



Câmara Municipal de Lisboa

Presidente

garantidos e incontestados são hoje perigosamente, estridentemente, postos em causa nas democracias e também na nossa.

Embora muito minoritárias, estas vozes aproveitam e exploram as fragilidades que todos os sistemas políticos e todas as sociedades têm, não para corrigir e aperfeiçoar o que está mal, mas para procurarem enfraquecer a democracia nos seus fundamentos.

Contestam abertamente o património fundamental dos direitos humanos, da democracia representativa, da igualdade na cidadania e da dignidade fundamental de todos os homens e mulheres, e conseguem obter, na sociedade do espetáculo em que vivemos, uma projeção desproporcionada, condicionando tantas vezes o debate público e a atuação de responsáveis políticos que cedem ao que julgam ser o voto fácil.

É nestes momentos cruciais que se exige aos democratas que tenham uma consciência clara do que está em causa e não cedam à chantagem demagógica e ao “ar do tempo”, caindo na funesta armadilha de responder à radicalização e ao populismo com radicalização e populismo. Não há radicalismo nem populismo que sejam bons para a democracia. Ambos são, pelo contrário, o caminho para a desagregação coletiva.



Câmara Municipal de Lisboa

Presidente

É fundamental que todos os democratas saibam aquilo que os une para além daquilo que legitimante os diferencia. É preciso que tenham presente quais são os problemas reais que enfrentamos e os desafios prementes que, para resolver esses problemas, temos de vencer. É essencial que o debate político se centre, com seriedade e consistência, nas grandes questões nacionais e não se transforme numa disputa de decibéis e manchetes para cuja conquista vale tudo.

Os desafios a que temos de responder são a melhoria da qualidade da nossa democracia e da participação política dos cidadãos, o défice de qualificações, o reforço da competitividade e da produtividade da economia, a modernização da sociedade, a redução da pobreza e das desigualdades, a redefinição atualizadora das nossas políticas públicas, as reformas que reforcem o acesso a direitos fundamentais, como o direito à habitação, sobretudo nos centros urbanos, à saúde e à justiça, o envelhecimento, o lugar de Portugal na Europa e no Mundo. Estes desafios, que constituem autênticos objetivos nacionais, reclamam a responsabilidade que procura entendimentos profundos e duradouros - e não as divisões artificiais e os conflitos inúteis que buscam o efeito mediático forte e fácil, mas, que, por muito sedutor que seja, é inconsequente e inglório.

O exemplo de união que, em Lisboa e em todo o país, demos, durante o combate à pandemia, não pode ser desperdiçado. Essa convergência de



Câmara Municipal de Lisboa

Presidente

esforços e vontades dos responsáveis políticos, de todas as cores, que, de norte a sul de Portugal, assumiram o dever de proteger as populações é uma lição que deve ser enaltecida e continuada, no período pós pandemia, em que temos a responsabilidade de recuperar o país e ajudar os que ficaram mais debilitados e fragilizados.

Mas um outro desafio maior está entre nós há mais tempo e de forma mais pesada: as alterações climáticas. Como disse António Guterres, não se trata de cuidar do planeta e do ambiente. Trata-se de cuidar das condições de vida de milhares de milhões de seres humanos, em especial dos mais frágeis, em grande parte do nosso planeta.

É nas cidades, onde vive 70% da população mundial, que está em jogo esse futuro. Da mesma forma que nos mobilizámos, como comunidade, para defendermos a vida e a saúde numa pandemia, temos o dever de nos mobilizarmos de novo para proteger a vida e a saúde perante a mudança climática.

Este é um imperativo moral ao qual a política, com a maior coragem e a máxima responsabilidade, tem de dar respostas urgentes e eficazes. Esse é hoje um dos maiores desafios das nossas democracias, que devem assumir o imperativo inadiável de mobilizar os cidadãos, vencendo hábitos instalados e inculcando-lhes a consciência de que não há, no nosso tempo, combate mais urgente e indispensável.



Câmara Municipal de Lisboa
Presidente

Este é um daqueles casos em que o facilitismo, o adiamento e a demagogia são crimes. Este é um daqueles casos em que temos de saber construir e dinamizar uma vontade coletiva exigente e ativa. Este é o combate que nos deve unir e que não podemos interromper, adiar ou abrandar. Este é o combate que exige lucidez, esforço e tenacidade, pois também nele, como disse Mário Soares, “só é vencido quem desiste de lutar”.

Uma República fiel aos seus princípios e com capacidade de se modernizar e renovar é aquela que, em cada tempo, sabe identificar e travar vitoriosamente os combates que nos reclamam, justificam e engrandecem. Esse é o grande património político que temos de valorizar e preservar.



Câmara Municipal de Lisboa
Presidente

Senhor Presidente da República,

Ilustres Convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores

O sinal que Lisboa hoje dá, juntando nesta cerimónia oficial de comemoração do 5 de Outubro, na sua Câmara Municipal, o presidente cessante e o presidente eleito, reafirma a democracia e os seus princípios fundamentais, valorizando o que deve ser comum a todos os que a servem e que tem de estar acima das divergências políticas e dos estados de espírito pessoais. Isto que nos deve ser comum é o sentido de continuidade das instituições, de dignificação da política e de convivência democrática.

Essa é a mensagem que Lisboa tem dado. Capital de Portugal e hoje reconhecida como uma das melhores cidades do mundo, é uma urbe de liberdade e tolerância, contemporânea e cosmopolita, feita de todos, com todos e para todos, que quer incluir em vez de excluir, abrir em vez de fechar, construir pontes em vez de levantar muros.

No discurso que, em 2005, no seu último 5 de Outubro como Presidente da República, fez nesta sala, afirmou Jorge Sampaio:



Câmara Municipal de Lisboa

Presidente

“Os valores republicanos, em que assenta a democracia portuguesa e o conjunto das democracias representativas, permanecem actuais. A liberdade, a igualdade e a fraternidade são os marcos que definem o quadro essencial da nossa acção política. Sem esses valores, ficam prejudicadas as razões profundas que nos levam a querer viver em conjunto e a partilhar os objectivos comuns que nos identificam como Portugueses.

(...) Não tenho dúvidas de que há lugar, no espaço público português, para uma expressão mais forte desses valores, traduzidos, contemporaneamente, em direitos de cidadania.

Temos que continuar a afirmar a abertura da sociedade em todos os domínios, opondo às velhas hierarquias e aos velhos privilégios, o mérito, o talento e a qualidade, assegurando as boas condições para a sua expressão”. (Fim de citação)

Fiéis a esta mensagem e tendo já no horizonte as celebrações dos 50 anos do 25 de Abril, afirmamos, neste 5 de Outubro de 2021, a nossa vontade de fazer dos perenes valores da República e dos grandes ideais da Democracia aquilo que nos une e reforça como povo e como Nação. É com esses valores e esses ideais que podemos fazer frente às ameaças de regressão e retrocesso, construindo um futuro mais livre, mais próspero e mais justo para todos os portugueses.



Câmara Municipal de Lisboa
Presidente

Neste dia e neste lugar, quero renovar o meu profundo agradecimento ao povo de Lisboa pela honra e o privilégio que me deu de o poder servir, como Presidente da sua Câmara Municipal, durante seis anos. Foi um tempo exaltante, de trabalho entusiástico e de dedicação total, sentido todos os dias como serviço concreto à melhoria das condições de vida dos nossos concidadãos.

Foi um tempo de grande plenitude pessoal e política. Despeço-me com sentido de dever cumprido, com reconhecimento e gratidão e desejando a todos que o vão prosseguir, votos do maior sucesso ao serviço de Lisboa e dos lisboetas.

Viva a República!

Viva Lisboa!

Viva Portugal!